10 de Agosto de 1990.-

TL723

Companheiro TERUS, Secretário do CE/FC

Recebi, em 8, a sua carta datada de 30/Jul/90, em que expunha as questões discutidas por vós e trazidas em perguntas com as suas respostas e sugestões, sobre as quais me debruço.

Porque o CE/FC é um organismo do CNRM, do qual depende, vou procurar explanar resumidamente uma série de questões pertinentes, e também porque recebi outra carta de Nakfilak/Kiak-Lemorai/Siac, e outras de diversos órgãos bem como o plano denominado "aurora", da Renetil.

I - CONCEITOS - o pensamento guia a acção

1. A guerra, quando definida em meios termos, é a arte de matar o adversário, contudo nesta nossa, percebemos-lhe uma outra que poderia ser a outra face da anterior: é a arte de convivar com o inimigo. Mas, tanto por esta compreensão como por outras definições que pensadores e teóricos buscam para explicar este flagelo da humanidade, a GUERRA É, ESSENCIALMENTE, A ARTE DE UTILIZAÇÃO RACIONAL DOS RECURSOS DISPONÍVEIS PARA SE OPÔR OU IMPÔR AO ADVERSÁRIO.

Racional, porque evita o esbanjamento e rejeita a usura, o que quer dizer que, no próprio desenvolvimento da guerra, as circunstâncias de momento é que apontam para uma maior ou menor necessidade de utilização dos recursos disponíveis.

Utilização racional significa, portanto, um aproveitamento metódico dos recursos e isso pressupõe uma correcta ordenação dos objectivos que se pretendem alcançar com uma dada ou mais acções.

Recursos englobam as capacidades subjectivas e materiais, os métodos de luta e as condições para realizar acções e as potencialidades existentes ou a explorar.

Disponíveis não só o que já está ao alcance como tudo quanto possa surgir da criação e desenvolvimento de condições para o efeito.

2. ESTRATÉGIA é, em sentido amplo, uma linha de orientação geral que, em previsão, se antecipa ao próprio processo estabelecendo um percurso temporal, definindo as necessidades globais e programando actividades específicas. Num processo complexo como é uma guerra, existem uma ESTRATÉGIA GLOBAL e ESTRATÉGIAS PARCIAIS.

A estratégia global define superiormente a meta, o objectivo supremo a ser alcançado. As parciais propõem a satisfação das necessidades dos diversos componentes do processo, com vista a impulsionar um desenvolvimento no todo do processo, o que significa que as estratégias parciais buscam uma convergência de resultados, proporcionadores de uma consolidação da estratégia geral.

Assim, existe um OBJECTIVO GLOBAL, O OBJECTIVO ÚLTIMO, definido pela estratégia global e existem, por outro lado, OBJECTIVOS PARCIAIS correspondentes às diversas vertentes do processo.

Mais do que a estratégia global que pode ou deve, num conjunto de

circunstâncias concretas, ser modificada, as estratégias parciais devem reflectir permanentemente as necessidades actuais de cada parte e sempre na sua relação com o todo. Actuais significam num momento concreto, momento entendido como um período mais ou menos longo.

TÁCTICAS são as formas de acção utilizadas na prossecução dos objectivos. A utilização de tácticas é sempre condicionada pelas perspectivas globais de sucesso para o todo.

3. Num processo tão difícil e tão complexo como é a nossa guerra, todos já compreendemos com exactidão o papel do COMANDO DO PROCESSO. O papel de Comando assenta-se em garantir a est materialização da estratégia geral, estabelecer as estratégias parciais, definir formas de acção e escalonar as actividades com vista a fazer encaminhar o processo ao seu fim.

Por outro lado, visa assegurar um carácter de actuação disciplinada para toda a estrutura organizacional.

4. Porque não é um processo simples, existem muitos aspectos mas inter-dependentes. A INTER-DEPENDÊNCIA sugere que todos os factores componentes do processo se relacionam entre si e se condicionam.

O mútuo relacionamento provém da natureza intrínseca (ele existe para servir um todo) e extrínseca (ela faz parte de um todo) de cada aspecto tomado no conjunto do processo. O mútuo condicionamento exprime o reflexo positivo ou negativo que um factor pode produzir sobre um outro ou sobre os demais factores constituintes do processo.

5. Nestes diversos factores, há que distinguir, na sua mútua relação, o papel que cada um assume perante o todo do processo. Daí que, necessàriamente, existirá um actuando como o motor que faz movimentar, impulsiona a marcha de todo o processo, factor a que normalmente designamos por DETERMINANTE.

Os restantes adquirirão, pela sua própria acção e/ou pelas condições de desenvolvimento do processo, um papel de maior ou menor relevância, aos quais designamos, no seu conjunto, por CONDICIONANTES. Maior ou menor relevância, no contexto das necessidades reais e globais da sua actuação sobre o todo e pela ordenação da importância de cada um deles em cada momento concreto.

O papel determinante de um dado factor não significa necessàriamente que esse factor, por si só, i.é., por efeito da sua acção - tomada como ela mesma -, baste para realizar o objectivo final. A nossa guerra ensinou-nos que o termo determinante deve ser compreendido no seu carácter básico, que sustenta o processo como tal, i.é., sem esse factor não existiria um processo como processo, sem a activação desse factor os outros aspectos não ganhariam o seu devido significado. Só com a existência desse factor, a sua acção e a sua continuidade podem despertar e impulsionar os demais aspectos.

6. Qualquer processo leva sempre o seu tempo, mais longo ou menos

longo, para se desenvolver e extinguir-se... pela satisfação plena dos objectivos desejados.

Porém, todo este tempo, percorrido ou enquanto sendo percorrido, enfrenta variações de condições ou produzidas pelas próprias forças ou impostas por forças contrárias. Compreenda-se por forças toda a acção desenvolvida de um ou outro lado, pelos agentes em confronto envolvidos no processo.

Reflectindo essencialmente o estado geral do desenvolvimento do processo, nos seus avanços ou recuos, estagnação ou continuidade, as variações representam o estádio, representam a situação num período dado desse tempo do processo. Nessas variações, encontra-se o escalonamento em importância dos factores condicionantes, já que o enquadramento desses factores nunca permanece rígido, pois é ditado pela acção conjunta desenvolvida por todos eles, através da acção desencadeada por cada um, em maior ou menor grau.

Essa acção, tanto individual quanto cd do conjunto, pode provocar modificações na situação geral e estabelecer novo ordenamento em importância, à medida e consoante as circunstâncias do desenvolvimento do processo. O estado da situação geral, num determinado espaço de tempo, diz respeito à CONJUNTURA, que normalmente se define por "situação de cada momento actual do processo" e que tem em conta - e isto é importante - a correlação de forças no terreno.

Actual signgi significa concreto, num determinado momento, num determinado período. Um permanente estudo das condições conjunturais permite verificar as novas necessidades e planear as actividades para toda a organização.

7. Um processo levado a cabo por um grupo de indivíduos ou pelo conjunto da sociedade é um processo vivo e fértil de situações, mais fácil ou mais difícil, mais simples ou mais complexo. A guerra, por sinal, é o mais difícil e o mais complexo que o homem já inventou para a sua própria destruição. Quanto mais não seja por ser o mais difícil e o mais complexo, ele exige uma ordem que mantenha os participantes em capacidade de servi-lo.

Primàriamente, a ordenação da definição dos papéis, que cabem a cada ou a um grupo de elementos, só pode provir do estabelecimento de uma ESTRUTURA. Uma estrutura não promove; toda e qualquer estrutura deve ser vista no seu carácter de regular, definir e classificar as actividades, para as quais busca os agentes necessários para a sua materialização. A estrutura é que concede, no âmbito das responsabilidades, que cada um ~~responde~~ perante o todo, capacidade integral no cumprimento destas e, ao mesmo tempo que regula esse âmbito de responsabilidades, assegura, para a vitalização e fortalecimento orgânicos, determinados princípios orientadores, sem os quais o edifício orgânico, que atende o processo, pode ruir por inconsistência dos seus caboucos.

8. Existem vários princípios orientadores de acção porém, relativamente aos que sustentam uma organização, são vitais as três REGRAS DE DISCIPLINA:

- subpissão do particular ao geral ou da parte ao todo
- submissão da minoria a maioria
- submissão dos escalões inferiores aos superiores

Nenhuma organização no mundo pode dispensar estas regras. Só uma interiorização profunda destas regras pode garantir uma organização sólida, pode permitir um cabal comando do processo, pode mobilizar iniciativas, pode dar o justo valor às acções.

É fundamental a assunção deste princípio, sem o que se retira ao comando do processo a capacidade de estabelecer, para o conjunto, metas a atingir e actividades e formas de acção necessárias. Sem a assimilação deste princípio básico, em qualquer organização, pode-se assistir a tomadas de iniciativa que, se em pensamento não pretendem naut neutralizar o papel do Comando do processo, na prática, na realidade, diminue o campo de actuação do órgão dirigente e podem mesmo neutralizar objectivos superiormente considerados ou retirar simplesmente o papel de comando ao órgão competente.

9. As actividades devem ser planeadas na medida do possível. Planear não se insere apenas nos preparativos que se costumam fazer para a boa execução de uma determinada acção. Quero-me referir ao PLANEAMENTO GLOBAL e aos PLANEAMENTOS GERAIS.

As vezes, pode acontecer que, não estando inseridas ou previstas num planeamento, surjam acções expontâneas. Todavia, os resultados dessas acções devem ser sempre considerados, tanto do lado positivo como do lado negativo. A partir dessa apreciação, se existe de facto um Comando sobre o processo e desde que haja um mínimo de controle sobre o todo, esse Comando deve pronunciar-se sobre essas acções.

Isto quer dizer que, logo que a estrutura se vai fortalecendo ou, noutros termos, a organização se vai identificando, a expontaneidade deixa de ter lugar. O Comando do processo deve procurar abarcar todas as acções no seu conjunto e, por um planeamento que corresponda às necessidades do "momento actual", permitir ou impedir a realização desta ou daquela acção, aplicar ou insistir uma outra mais conveniente, tanto para as partes, consideradas individualmente, como no conjunto, prática ou acção que venha a beneficiar o conjunto e não apenas uma parte, reduzindo ao mínimo o expontaneísmo... tão propício à indisciplina.

10. Pelo espírito da resolução tomada na 2a. reunião extraordinária do CNRM, em Aitana, o COMITÉ EXECUTIVO DA FRENTE CLANDESTINA é um órgão político do CNRM, destacado na Frente Clandestina. Por fazer parte do CNRM, só det deste depende, devendo apresentar ao mesmo relatórios, propostas e sugestões, como estão fazendo.

Devo repisar que o CE/FC não é um órgão autónomo, independente, de criação expontânea,- como demasiado "expontânea" é a criação de tantas organizações juvenis: OJECTIL que ainda continua, RENETIL, HPP AI, CNJTL e fico à espera quando é que outro grupo cria a sua própria e já veio um que já tem carimbo e tudo: UNIT -, mas um órgão do próprio

CNRM, definido pelo Comando da Luta, para executar as orientações.

Neste sentido, toda a futura relação com a RENETIL/IND não deve continuar a ser a anterior relação de coordenação de "vossas" actividades e chamo a atenção dos responsáveis do CE/FC para, de futuro, todas as iniciativas e planos de acção d serem presentes atempadamente ao Comando Superior de Luta. Atempadamente significa que se deve ter em conta as demoras que já conhecemos no processo de escoamento porque, não poucas vezes, vêm cartas a informar que "amanhã sai alguém" e só duas semanas depois é que recebemos... Deveis também ter em conta que não temos bases fixas e o próprio quartel-general do CNRM é móvel... porque esta guerra é uma guerra de "tur la metin".

II - CONSIDERAÇÕES exemplificativas para melhor compreensão .

O objectivo saliente das vossas cartas é a ACÇÃO ou o desejo de acção ou a necessidade de acção. Vós sois jovens e não me move nenhum sentimento de veteranismo ou de "velhice", quando afirmo que sois jovens, a quem estimo e quero acarinhar tanto quanto eu estimo e acarinho os meus combatentes.

Eu LOUVO a vossa disposição de combater, a vossa vontade de vencer e, ainda mais, a vossa afirmação de total submissão ao Comando da LUTA. Eu ADMIRO a vossa determinação, a vossa coragem em arrostar com todas as consequências, tanto como admiro essas virtudes patrióticas já largamente demonstradas pelo nosso POVO. Contudo, sinto meu dever continuar a apoiar-vos no pouco que eu posso.

1. Esta guerra ensinou-me a ser frio e calculista, porque a guerra é uma arte, é uma combinação da imaginação com a prática, da subtileza do espírito com a firmeza de princípios, do espírito ofensivo com a necessidade de defesa.

O espírito ofensivo exprime vontade de lutar e desejo de vencer mas, quando não é acompanhado com uma prudência na defesa, batemos a torto e a direito. A acção aparentemente é ofensiva e pode mesmo apresentar sucesso mas, quando tomada no conjunto, pode carecer da dimensão que se julgava iria adquirir.

Se tivêssemos como objectivo alertar periodicamente o mundo, cada vez que chega um jornalista ou uma delegação estrangeira (que até vêm para confirmar a propaganda do "suda aman"), provocando combates nas proximidades das Vilas ou dos troços por onde passam, para que o fragor dos tiros seja ouvido por essas pessoas, hoje, 1990, já as FALINTIL teriam deixado de existir porque as munições ter-se-iam acabado há muitos anos... Se tivêssemos como objectivo impressionar permanentemente o mundo com acções militares de envergadura, como cercos ou tomadas de Vilas por um, dois dias, hoje, 1990, já as FALINTIL teriam deixado de existir porque as próprias FALINTIL apressaram a sua derrota e não estariam ainda hoje no mato, com uma bala cada um, para continuar a perseguir o OBJECTIVO ÚLTIMO que buscamos com a nossa resistência, o OBJECTIVO ÚLTIMO pelo qual damos doamos as nossas vidas...

Seria um gravíssimo erro estabelecer para as FALINTIL planeamento de acções que servissem objectivos de reflexo momentâneo e, pior ainda, que marcassem a sua própria derrota; seria uma total estupidez enveredar as FALINTIL na busca de pequenos objectivos, cujos sucesssos não impediriam a sua própria destruição, negando com esses mesmos sucessos, a sua missão sagrada de se bater pelo OBJECTIVO SUPREMO.

Seria um esbanjamento das nossas capacidades ofensivas e um desleixo nas nossas capaci pelas nossas capacidades defensivas. Defensivas porque têm em conta o mantenimento e a continuidade da Resistência Armada, factor determinante deste processo. Vejam que o ataque não pode menosprezar à defesa e sei que alguns de vós sois karatekas. Defesa, aqui, não é o acto de "pura conservação"; defesa, aqui, deve ser tomada no plano estratégico e, no caso das FALINTIL, a manutenção de certa capacidade para contin garantir a continuidade. Não é pura defesa no sentido de passividade total, porque continuamos a combater, continuamos a morrer, continuamos a matar o inimigo, a capturar suas armas e munições.

O administrador apostólico declarou, recentemente, a um jornal português que a guerrilha está passiva. Compreende-se... como poderá ele saber que estamos activos, se não sai de Lecidere? Mas o curioso é isto: ele também "percebe" a guerra como o desencadeamento de acções espectaculares; ele ouve dizer que vamos aos campos roubar roupa e comer, que os nossos pais e irmãos nos dão, mas nunca perguntou à população roubada se ouve ou não quase diariamente o fragor de combates, o estrondo dos explosivos, as rajadas de automáticas e o ruidoso vai-vém de helicópteros que vão buscar os seus mortos e feridos. Aqui também negamos a usura porque utilizamos os recursos disponíveis para o sentido último da nossa Luta.

Vejam que não nos preocupamos muito com a falar-se ou não se falar de acções militares das FALINTIL (embora saibamos que o mundo anda ávido de acções militares mas já reparámos que o mundo espevita hoje as orelhas e fica surdo amanhã ...e teríamos que fazer todos os dias ... e teríamos morrido mais cedo...) É por isso que o nosso pensamento e as nossas acções não têm como objectivo satisfazer os ouvidos do mundo, porque estamos orientados a assegurar os fundamentos da RESISTÊNCIA NACIONAL! AFEGANISTÃO, CAMBODJA, ANGOLA, MOÇAMBIQUE, tanto sensacionalismo nos noticiários para enveredar pelo diálogo. IRÃO/IRAQUE, SANGUINISTAS/CONTRA... tantas acções bélicas para terminar em diálogo.

2. Aquela orientação, de que fazeis referência nas vossas cartas, tinha por finalidade impedir actuações descontroladas que viessem a obstacularizar um possível (e desejado) encontro da RA (resistência armada) com a DPP.

Eu sei que confiais em nós e foi e é esta confiança que firma a nossa Luta. Eu acredito, por isso mesmo, que devíeis ter pensado, pela parte final e pelo espírito de todo o documento do K/I, que um encontro entre a DPP e a RA seria de maior importância ou, pelo menos, poderia produzir um bocado mais que as manifestações que levásseis a

cabo em Dili, mesmo que elas sejam com a "Aurora".

Eu acredito também que também soubestes pensar que, por reconhecerdes o papel do Comando da Luta, deveríeis estar dispostos a apoiar esse órgão a cumprir com a suas responsabilidades. O apoio não se limita ao envio, por exemplo, do papel em que vos escrevo ou de outro tanto material que continuais mandando para os vossos irmãos guerrilheiros. O apoio diz também respeito à condução do pensamento e das acções no sentido de contribuir para capacitar o Comando da Luta a desempenhar cabalmente as suas responsabilidades... sobre o TODO. E isto só pode suceder efectivamente quando efectivamente existe disciplina na organização e exite participação de todos.

3. Qualquer orientação ou medida obedece a um pensamento/plano. Nenhuma medida é rígida e nenhum planeamento pode ser considerado totalmente objectivo, mas todo e qualquer planeamento deve ser o menos subjectivo possível. Um planeamento é a expressão de um estudo sobre as necessidades, a análise das condições favoráveis e desfavoráveis existentes assim como a previsão das condições que devem ser criadas e, por último, a definição do/s objectivo/s a ser/em alcançados/s.

Porque um planeamento é, em principio, subjectivo na sua elaboração, a sua correspondência com a realidade que se desenvolve, porque uma realidade nunca é estática, essa correspondência ou não vai sendo verificada ao longo da preparação desse planeamento, a ainda ddentro da sua já materialização, o que significa que um planeamento só é considerado objectivo na eficácia que retirou desde a sua preparação à sua materialização.

A reunião de condições que favoreçam a materialização do planeamento, pede geralmente medidas adequadas ou para impulsionar umas actividades necessárias a esse planeamento ou para evitar acções que enfraqueçam a capacidade de materialização desse planeamento. Toda a orientação deve ser compreendida nestes termos, nas razões (que muitas das vezes não se dizem) que levaram à adopção de tal medida.

Eu sei que vós compreendestes bem e só tenho a acrescentar isto para o vosso conhecimento:

a) Desde 1988 que eu estabeleci um plano de actuação para a vinda da DPP. Em Março de 1989, dei a conhecer à CN, enviando também determinadas orientações, cuja materialização viriam a ajudar o plano.

b) Se a imposição In, tanto do nosso lado como no interior das Vilas ocupadas com o desmantelamento de Junho de 1989, como dizia, se a imposição In não tivesse impedido um regular contacto com Laloran, que inclusivamente foi preso, eu não teria permitido a manifestação de 12/OUT aceitando apenas outras formas de acção. Aconteceu e devo dizer que me regozijei mas, ao mesmo tempo, fiquei apreensivo. Tal acto levaria Jacarta a reconsiderar a vinda da DPP.

c) Em Janeiro recebi, de um elemento de aproximação com a org. estudantil, um pedido de autorização para outra manifestação. Mais uma vez, fui impedido pelo In que encheu as nossas zonas e que me obrigou a deslocar. Preocupado com o passar dos dias, pude ter uma outra

direcção para enviar uma carta a discordar mas chegou tarde. Aconteceu de novo e o acto só significou para mim que podia contar convosco, porque, antes de 12/OUT, as actividades politicas dos diversos agrupamentos espalhados pelo território dirigiam-se à preparação política da população para uma mesma coisa... fiquei satisfeito com o 17/Jan mas não pude evitar suspiros de mágoa.

Foi a partir daí, é que vós começastes a receber orientações verbais para diminuirem a tensão que começava a reinar aí. Por causa das batidas que provocaram, durante um largo período, o corte de ligações entre a RMC e o bivake, as orientações que enviei para em Nov/84 R/I, para posterior divulgação em escrito, chegaram muito tarde às suas mãos e foi, por isso, é que só lhe foi possível emitir tão tarde.

As orientações ou medidas procuram sempre responder a uma situação e a situação era que, apesar dos eventos de Out e Jan, continuavam a desenhar-se perspectivas sobre a vinda da DPP e era necessário, em Timor-Leste, não sermos nós próprios a impedir.

Se vos lembrais agora que algumas pessoas, chegadas a vós, vos recomendaram, em Jan/, Fev/ e Mar/, para pararem com as vossas acções, então ficai sabendo que eu pedi a essas pessoas para fazê-lo, tendo-lhes enviado também um ponto da situação e que passo a transcrever para que possais ver que o Comando da Luta sempre procurou na medida do possível acompanhar o processo:

"A-1. Normalmente, em casos similares, é um princípio não abafar o ânimo popular, porque a acção das massas possue a vitalidade de despertar a consciência geral, sacudir a lassidão existente e encorajar a todos. Conjunturalmente (= estudo do desenvolvimento de um processo - social - num momento concreto, num estádio determinado), seria a situação "pré-revolucionária" (toda e qualquer mudança por acção das massas define-se por revolução e não é a revolução das saudações revolucionárias... que já não existe), com um carácter impulsionador de muita importância.

2. Porém, nas condições concretas de Timor-Leste, há necessidade de abrandar a situação para que Jacarta não venha a recear pela vinda da DPP e todos estamos compenetrados de que um recuo da Indonesia nesta matéria é extremamente desastroso. O que se pretende é fornecer a todos a ideia da necessidade de, em pensamento e acção, encaminharmos os esforços em torno do objectivo máximo, que se deseja alcançar depois, pelo que, nas actuais circunstâncias, o reflexo positivo das pequenas acções pode destruir as perspectivas de outra maior.

3. São visões práticas, adquiridas de factos da nossa própria guerra - na guerra, consideramos tudo isso dentro do princípio de sacrificar uma parte, induzindo o inimigo em erro, para cobrar no todo (e, num pensamento mais maubere e da guerrilha, seria: "não abrir caminho aos macacos" e é verdade: quando sabemos esperar e não vamos mexer uma mangueira, uma jaqueira, etc., os macacos normalmente também não mexem até as frutas amadurecerem; mas se constatam que já fomos uma ou duas vezes, deitam tudo abaixo). E, nas dificuldades todas que envol-

vem a nossa guerra, só a diplomacia (lá fora) não basta e, quando conseguir, o tempo, que podia ter corrido a "desfavor" da Indonésia, cobrou apenas o seu preço no Povo Maubere.

4. Nesta ordem de ideias, é que se torna necessário conter a juventude para, de ora em diante, pararem com as manifestações e regressarem normalmente às escolas.

O último teste (de JAN) foi positivíssimo e as ilações que se devem tirar são estas:

- as autoridades ocupacionistas foram forçadas aparentemente a vergar-se perante a força e a determinação da juventude;
- um cadáver em Lecidere demonstrou, por outro lado, que, na VERDADE, elas estão furiosas e não recuarão a cometer mais atrocidades;
- o ocupante está apercebendo-se de um grave problema;
- o Carrascalão "estendeu a mão" ao diálogo - é este o facto que favorecerá a nossa intenção de induzir o inimigo em erro (levá-lo a enganar-se quanto às nossas intenções).

a) eu próprio considero que uma paragem súbita (inexplicável, poderiamos dizer) coloca o IN à procura dos motivos... (aliás, eu tinha recebido a sugestão e ia recomendar para não fazerem mas a situação daqui não me permitiu fazê-lo a tempo e, no dia 17, quando chegou a Dili o meu ponto de vista... encontrou tudo a postos...)

O inimigo pode considerar fraqueza mas continuará a trabalhar intensamente para desfazer outros preparativos. "

Esta foi uma análise, elaborada na altura, das vossas actuações, nos seus reflexos positivos e nos negativos... na sua inter-dependência com o todo.

4. Eu penso que vós devíeis ter compreendido, na final do documento enviado por K/I, que tal vinda interessava ao Comando da Luta, aliás vós devíeis saber deveis saber e mais cedo do que (porque sois vós que me mandais os recortes), da possibilidade aventada de encontro da DPP com a RA. Vou transcrever as partes interessantes do documento de K/I, cuja cópia me foi mandada pelo companheiro Dasi Mau:

" A FC deve estar absolutamente quieta, i.é., não deve fazer nada sem a ordem do Comando da Luta e, portanto, limitar-se-á a espera de ouvir as ordens do Comando da Luta" - a primeira parte sublinhada sugere que, implicitamente, o Comando da Luta pode permitir acções e a segunda denuncia a existência de um plano."Não deve fazer nada sem.." pressupõe que pode vir a fazer alguma coisa com; "Ouvir as ordens" significa que haverá ordens.

"Tudo isto está a obedecer a um plano, objectivos tracados a conquistar"- muito mais explícito, claríssimo com a água das fontes: plano, objectivos, o que demonstra que o Comando da Luta não está a dormir.

"O não cumprimento integral destas orientações poderá pôr em causa o plano do Comando Superior da Luta" - mais uma vez, e finalmente,

um alerta para a disciplina na organização e fala abertamente de um PLANO DO COMANDO SUPERIOR DA LUTA além de que chama a atenção para a importância que deve ser reconhecida a um plano superiormente estabelecido e esclarece que a não consideração das orientações pode remeter os objectivos superiormente traçados ao lixo da miséria da nossa Luta.

5. Eu penso que também já pensastes que, para além da impotência da "potência" dita "administrante", j com os eventos de OUT e JAN, Jacarta já prevê o fim da sua dominação na nossa Pátria com a vinda da DPP.

Hoje estou autro autorizado a falar abertamente a vós, porque Jacarta já conhece os meus planos e já que, se a vossa acção em JAN já começava a inquietar os generais assassinos e cobardes, o conhecimento sobre os maus planos leva-la-ia (e como está provado) a arrastar indefinidamente essa tal visita. E devo dizer que, se me cabe a mim a maior parte da culpa, por ter confiado os plamos a quem não merecia saber, inconscientemente, vós tambem contribuistes inconscientemente para uma situação desfavorável.

O meu plano, que morreu comigo mesmo, consistia na nossa (RA) entrada nas Vilas para, convosco, mobilizarmos, perante a DPP, a população, vila por vila, em todo o território a fim de ~~que~~, em pé de guerra, gritarmos ao mundo o nosso total repúdio à integraçao da n e, aí, ou MORRÍAMOS TODOS ou ESMAGARÍAMOS OS SOLDADOS JAVANESES e LIBERTARÍAMOS TIMOR-LESTE. Audacioso porque vós sois audazes, ambicioso porque a única ambição que o nosso POVO alimenta nesta difícil resistência é a LIBERTAÇÃO DA PÁTRIA MAUBERE!!!

É com mágoa que tenho que reconhecer que os planos falharam e ... foram sendo preparados desde 1988, sem vós saberdes, enquanto que muitas organizações populares do interior já disso tinham conhecimento, porque fazia parte das actividades de preparação política das massas ... muito antes de 12 de Outubro!

Se o meu plano não fosse do conhecimento do IN, eu nem teria respondido às vossas cartas ou apenas teria exigido de vós submissão total às medidas superiormente tomadas.

Ponho-vos hoje ao conhecimento disto tudo, para que, de futuro, compreendais o alcance das medidas tomadas pelo CNRM e não passardes a fazer "exigências" como o "CNRM deve garantir se vem ou não vem a DBP" para fazerdes os vossos planos...

6. Aproveito para vos lembrar que a guerra ensinou-nos em amargas experiências e que servirão para as terdes sempre em conta no futuro.

Em 1980, passei da Ponta Leste para as Regiões Centrais com o objectivo de reagrupar os diversos grupos guerrilheiros dispersos, já que, em 1979, duas colunas lançadas com esta missão, tendo inclusivamente chegado as áreas de Turiskai, me informaram da existência de bolsas de resistência e do vazio da Direcção.

Numa ocasião, tive a oportunidade de contactar, em Venilale, com alguns responsáveis vindos de Dili, que me apresentaram um plano

de actuação combinada sobre Dili. ~~Aprovei o plano mas recomendei~~ para que avisassem aos comandantes que actuavam entre Dilie e Bazartete, para esperarem pela minha chegada pois eu ia mesmo nessa direcção. Estudados os pormenores do plano, eu garanti a mobilização de, no mínimo, 3 companhias da Ponta Leste para a tal actuação, tendo mesmo definido os objectivos:

1) objectivo principal (alvo que exigiria um empenhamento não inferior a 2oo homens):
   a - evacuação do material de guerra (armas e munições) do paiol de Becora.
2) objectivos secundários (direcções secundárias de ataque de diversão para garantir maior sucesso na direcção principal):
   a - de 1a. ordem:
      - engrossamento das FALINTIL com o levantamento dos guerrilheiros rendidos;
   b - de 2a/ ordem:
      - destruição de alvos militares e outros a captura de armas.
3) A acção traria, como consequência:
   - positivos reflexos políticos em todo o território
   - repercussão internacional por a acção ter sido desencadeada sobra a capital.

O que aconteceu é que os comandantes não concordaram ... porque havia já notícias da cgeh chegada de muitos jornalistas a Dili. A discordância entre os comandantes guerrilheiros e a organização de Dili, que desejava participar na operação mas segundo o plano por nós estabelecido, provocou a ruptura dos contactos.

Os comandantes não souberam compreender as necessidades globais da luta e compreender a importância dos objectivos traçados. Com a ideia também de uma "oportunidade de oiro" - a estadia na capital de muitos jornalistas estrangeiros - acharam que "reavivar" a luta no plano internacional, já que Timor-Leste se tornara num assunto morto, deveria ser o melhor objectivo. Actuaram e assumiram totalmente as responsabilidades e os resultados foram os seguintes:

- provocaram o primeiro desmantelamento macisso da organização clandestina de Dili, represália que recaiu sobretudo nos ex-comandantes e ex-guerrilheiros preparados para sair para o mato;
- porque não tinham o número suficiente de homens e pela descoordenação que passou a vigorar, só uma meia-dúzia foi a Becora trazer um morteiro e uma metralhadora que, tres dias depois, os "tujus" tornaram a reaver;
- saíu uma outra meia-dúzia de elementos desarmados das direcções secundárias de ataque;
- conseguiram realmente obtêr o reflexo diplomático desejado;
- a repercussão política, inicialmente vibrante, foi depois diminuída com a sensação de poucas forças que não puderam cobrir tudo.

Porque já íamos a caminho, em Lacló, a população informou-nos da operação: "cercaram Dili, arrebentaram o paiol de Becora"... Ficámos satisfeitissimos e pensávamos que houvesse já uma boa coordenação entre as Forças remanescentes do Centro Norte com as da Fro Norte e que por causa das condições já criadas, não podiam esperar pelas forças da Ponta Leste... de tão longe teriam que vir!

Por causa da operação desencadeada sobre Dili, os montes cimeiros de Dili estavam infestados de TNI, na maioria os célebres "tujus". Em Remexio, travámos combate de um dia e tivemos que regressar. Novas informações nos chegaram... ficámos tristes, porque não podiamos rir.

Meses depois, encontramos as forças da operação sobre Dili, vinham bem ~~xxxxidxx~~ fardados e... assumiram totalmente as responsabilidades.

Neste acto se pode ver a falta de acatamento das regras de disciplina, tão necessárias para todos cumprimos o dever perante a organização e, portanto, a LUTA.

Hoje, ainda algumas vezes se relembra lá fora aquela "grande operação", enquanto que nós, incluindo os que actuaram, quando ouvimos mencionar a grande actuação de 10 de Junho, não escondemos a nossa mágoa, pensando no material que teríamos ido buscar, nos homens que teriam saído... Aquele reflexo diplomático não cobriu as necessidades da Luta Frente Armada... que levou tempo a melhorar a sua capacidade de combate que permitiu recuperação do material inimigo... porque tinhamos que, nesse espaço de tempo ~~de renovação das nossas tácticas~~, saber racionalizar o gasto das munições com as necessidades. Se mais armas e mais munições tivéssemos podido tirar de Becora, as condições da Frente Armada teriam sido mais favoráveis. Se, com pouquíssimas armas e munições, capturámos centenas de AR e M-16 e inclusive as "coronhas móveis", com aquilo que se perdeu... teriam sido milhares as sofisticadas em posse dos guerrilheiros e, cada ano, podiamos repetir o "10 de Junho" pelo território.

Assim como aquele "10 de Junho", nos nossos planeamentos militares muito pequenos "10 de Junhos" aconteceram também. Quando se diz a um agrupamento para não cobiçar as 2 MU-2 que hansips "oferecem" ... porque aquela zona está a ser preparada para um grande combate... o grupo, desejoso de fazer sucessos, vai e captura as 2 MU-2 e... todos ficámos satisfeitos mas descarregámos as nossas críticas e punimos pela insubmissão e pela visão particular, parcial, que pôs em causa interesses do geral... e, só aí, é que lhes esclarecemos que, se não tivessem ido buscar aquelas MU-2, eles mesmos estariam integrados no efectivo que estava a ser preparado para, numa localidade próxima, realizar uma operação e capturar, no mínimo, 10 M-16. E eles dizem-nos a modos de explicação, que não sabiam e repisamos as regras de disciplina que orientam a nossa organização do alto abaixo.

7. Terus afirma que, melhor dito, pensa que, actuando de novo, apressareis a vinda da DPP. Em primeiro lugar, não analisou a situação

política do momento actual, nos seus resultados e efeo efeitos e na complexidade da sua relação com outros factores. Foi precisamente para permitir que Jacarta concordasse com uma vinda em ainda este ano, que foram emanadas aquelas orientações. Em segundo lugar, o problema deve ser visto assim: Portugal não pode forçar Jacarta e só Jacarta é que pode abrir as portas à DPP. O companheiro TERUS deu um efeito inverso ao problema.

8. Numa "orientação" da RENETIL sobre a vinda de Philip Flood, fala-se de "oportunidade de oiro"; na minha resposta, através do comp. Nakfilak, disse que, quando não conseguimos ver bem a dimensão dessas oportunidades, o verdadeiro oiro pode ter depois a dimensão de latão. 10/JUN foi um claríssimo exemplo. Se, num amplo estudo das necessidades gerais da Luta, definirmos bem os objectivos a serem alcançados, somos já capazes de medir u se um a oportunidade é de oiro, de prata, de cobre ou de latão. Em 10/JUN de 1980, para os comandantes nas montanhas de Dili, o oiro eram os jornalistas estrangeiros. Para o Comando da Luta, e para a organização clandestina de Dili na altura, o oiro, o verdadeiro "osan mean" era o material e homens para a RA.

Para a RENETIL, um Philip Flood era oiro; para o Comando da Luta, o embaxaidor australiano é de latão pintado com a "petarmina do GAP". Para o Comando da Luta, se não for de oiro, um encontro entre a DPP e a RA, pelo menos seria de cobre. A RENETIL pode dizer: nós não sabíamos. Explica-se mas também se deve explicar que existe um Comando da Luta e todas as iniciativas devem ser presentes para apreciação, aprovação ou rejeição... para que a Organização se fortaleça e se capacite.

Vejamos o "master-mind" da D. AURORA - a RENETIL coordena com Camberra, Sidney, ONU, Amnistia Intenacional, etc., e esqueceu-se de que nas matas de Timor-Leste... ainda estão "50 fugitivos". O "verdadeiro" comando passara a ter as suas bases na sede da RENETIL.

Foi também por haver um Comando da Luta que, embora conheçamos o desnível de capacidades entre os membros da DFSE e os actuais componentes do CNRM no interior da Pátria, não concordámos com a proposta do Secretário do Conselho da DEF, Dr . Abílio Araújo, de a DEF vir a dirigir as organizações clandestinas, no interior da Pátria. Talvez trouxesse mais sucessos à Luta mas, se uma carta do Secretário do Conlho Central da DEF de Agosto de 1989 ainda não chegou às minhas mãos, já se pode ver i a inoperância do CNRM, no interior da Pátria, de coordenar o seu pensamento com as directrizes que viessem da DEF para as organizações clandestinas.

Pois, caríssimos jovens, vós podeis dizer-me também que, se tivessem sabido, não teriam feito. Tambem se explica e, por isso, é que tento agora explicar que é importante a aplicação dos princípios da organização porque, se todos desejamos a mesma coisa, esses princípios servem para melhor realizarmos essa coisa.

De futuro, deveis submeter sempre ao órgao de que dependeis, NR CNRM, os vossos projectos, planos, ideias, sugestões, propostas, críticas, etc. Podeis ter a certeza de que, desde que uma parte ou o todo não seja afectado, serão aprovados com o carinho que as vossas iniciativas merecem e, se afectra afectarem uma parte ou o todo, não serão autorizados e NUNCA DEVEREIS TOMAR UMA DISCORDÂNCIA como "matar iniciativas", "remeter à passividade", "minimizar esforços", etc.

Só com este espírito de disciplina, é que podereis assumir também as posturas, as declarações que eu próprio ou o CNRM viermos a assumir. A rigidez do pensamento pode, muitas vezes, impedir que estudemos e nos apercebamos do alcance que uma ou outra postura pode alimentar. Vou contar-vos um caso: em princípios de '84, quando ia da Ponta Leste para a RMC, para uma reunião com os "membros do CC Hudi LaraN", encontrei-me com um comandante, recém-saído dos levantamentos de '83. Ao falarmos sobre várias questões da guerra e da Luta, a uma altura, disse-lhe:"eu já afirmei que, se num referendum, o Povo Maubere escolher a integração, nós os guerrilheiros deporemos imediatamente as armas." Aflito, emitiu um "AHHH!" e perguntou-me elevando a voz de discordância: "E porque é que nós saímos?"....

Esta é a mesma disposição de espírito que demonstrais nas vossas cartas... "e para que é que estamos aqui?" - não é verdade, companheiros?

9. Não concordo, em absoluto, com a declaração na carta subscrita por Nakfilak, Kiak Lemorai e Si'ac,(vice-sec. da RENETIL):

"... a FC decide tomar medidas necessárias para enfrentar a situação, sem esperar da aguardada autorização do Comando Superior da Luta... ... ... Neste caso, a responsabilidade será totalmente nossa e só depois informaremos ao Comando Superior da Luta."

Incorrectíssimo, meus ~~carissimos~~ jovens! ~~Si~~ e reli a carta e vi e apreciei uma interiorização teórica dos princípios da organização mas esta passagem foi uma borracha que apagou tudo, simplesmente tudo. Eu penso que estais empolgados com a D. AURORA. Desejo-vos muitos sucessos e, quando isso acontecer, não se preocupem em informar-nos, informem a Melbourne, Sidney e DEF. Nós sempre ouviremos, mais cedo ou mais tarde, através das organizações populares em TODO O TERRITÓRIO!

Em contra-partida, vou transcrever passagens de três cartas de outras direcções da organização popular da ~~RRRRI~~ resistência clandestina:

1 - Carta de 14/Jul, de MANO COCO, órgão Tama Sai:

".... Por mais agradeço ao Comando da Luta no sentido de dar orientações necessárias para podermos organizar a massa na vinda dos parlamentares portugueses a Timor-Leste. ... ..."

2 - Carta de 17/Jul, de Foguete, em Libanon/interior:

"... Desejo informar ao Comando da Luta a respeito das condições

que neste momento estamos atravessando, isto é na Capital como também nas Regiões onde organizamos os órgãos da resistência clandestina. É necessário o conhecimento do Comando da Luta, pois no actual momento está se espalhando no nosso seio uma orientação do Comando da Luta através do comp. K/I e assinado pelo mesmo... ... ...

... Nós somos militantes da resistência clandestina estamos sempre cientes em receber as ordens e as orientações dadas pelo Comando da Luta fim de pôr em andamento no seio do nosso Povo, por outro lado no tocante da referida orientação acima designada estamos encarando algumas dificuldades que pedimos ao Comando da Luta para pôr em consideração e uma solução a respeito das nossas propostas abaixo relacionadas

1. Será verdade a referida orientação foi dada pelo Comando da Luta ou propaganda do inimigo?

2. A vinda da DPP precisamente para colher informações e ver os factos e realidades que ocorre na nossa Pátria, se não realizarmos uma manifestação em massa na vinda da DPP como seria a nossa política no campo internacional?

3. Como será a nossa política no interior e no exterior se o inimigo quem realiza uma manifestação na vinda da DPP, isto é, organizada pelas autoridades indonésias?

4. Não haverá derramamento de sangue se o In quem realiza manifestação?

Estas são as principais dei dificuldades que estamos encarando, por isso, agradeço ao Comando da Luta no sentido de dar uma resposta às perguntas relacionadas ... ... Outro ponto que necessito sugerir ao Comando da Luta para ser considerado ... ... por isso agradeço para dar uma orientação a eles, isto é, como devem actuar. "

3 - Carta de 3/Jul, de Dasi Mau, do Órgão ROLA:

"... Contudo, queria aproveitar em apresentar também ao Comando da Luta, para enviar as novas orientações de trabalho e sobre o programa da visita do Parlamento Português. ... Por isso mesmo, antes de realizar esses trabalhos, tenho que pedir orientações do Comando Superior da Luta."

".... sobre uma escrita que aqui temos da Comissão Regional Funo Sei Nafatin. ... ... envio juntamente aí uma fotocopoi fotocópia para o Comando Superior verificar."

Sem minimizar ninguém nem sobravalorizar ninguém, devo dizer-vos que deve ser sempre este o espírito dos responsáveis das organizações clandestinas.

10. Eu concordo que vós conheceis muito melhor que nós a situação interna aí vivida. Mas discordo da ideia de que a passividade (= a ausência de acções da Juventude) venha a produzir desmoralização no nosso Povo. NÃO ACEITO ESTA IDEIA!

Em primeiro lugar, porque eu sei que muitos de vós éreis crianças nos fatídicos anos de '78 e '79. Crianças, meus filhos, de 3,5,7, 8 anos. Crianças, meus queridos filhos.

Em segundo lugar, devo dizer-vos que, quando saímos de Matebian em 22/NOV/78, eu, que tinha sido designado responsável da guerrilha na Ponta Leste porque tanto o grosso das forças como dos quadros e Direcção do Sector iriam passar para os Centros, como diza, eu nem sabia o que ra era "fazer guerrilha" e fora precisamente incumbido, debaixo das morteiradas e ataques da aviação, a dirigir a guerrilha na Ponta Leste. Quando rompemos o cerco, o meu único pensamento era ir aprender. E querem saber, meus caríssimos jovens, onde fui aprender os fundamentos da guerrilha?

Na noite de 7 de Dezembro de 1978, contactei no extremo da ilha, o "raja" de um campo de concentração, cuja população se podia considerar "pertama", porque se tinha ido render nos primeiros meses de 1976. A partir daí, estive 6 meses, andando de campo em campo; de dia, mantinha-me fechado em casa dos patriotas, com os javas rondando as casas, passeando pela estrada, gritando nos seus "pos" e, à noite, era a nossa vez, de andar pela estrada, passarv perto da casa do Koramil, reunir-me com os patriotas, armados e desarmados, velhos ou crianças, homens ou mulheres... aprendendo métodos de luta, bebendo o seu espírito patriótico, percebendo a dimensão da Luta e, sobretudo, entendendo a irreversibilidade do nosso destino...

E eu, caríssimos jovens, não estava em condições políticas para esclarecer algo que fosse pois... as bases de apoio em todo o território tinham sido destruidas, a maior parte da Direcção tinha perecido e muitos membros do CC rendidos, fazendo esclarecimentos anti-FRETILIN, Matebian tinha sido destruida, tomada, toda a população controlada e nós éramos tão poucos no mato para podermos oferecer perspedtivas firmes de continuidade de luta...nestas condições, que agitação patriótiça poderia fazer eu?

Pois bem, foram eles, os nossos pais e irmãos e, inclusivè, as próprias crianças... quem me esclareceu. Os nossos pais, com palavras de encorajamento cheias de uma consciência patriótica profunda, os nossos irmãos, com a participação que sentiam ser seu dever dar à Pátria, e os nossos filhos, iniciando uma prática de luta.

Meus filhos, esta foi a lição patriótica que eu recebi, muito mais profunda e de maior alcance político que durante 3 anos de bases de apoio. As bases de apoio foram uma situação concreta, específica mas, aquando da destruição das bases de ~~apoio, tantos quadros~~, superiores e médios que tantos esclarecimentos faziam, soçobraram... indo atrás da população. A própria população lhes dizia, quando os via renderem-se: "Já cá estais? Nusá imà la hela iha ai-laran halo hafatin funu? Imi mai buka sa ida? Uluk imi tuir ami, atu fo hahán ba imi, agora imi mai tuir ami nia kà kidun halo sa ida?"

Viemos aos Centros, viemos às Fronteiras e recebemos os mesmos ensinamentos patrióticos, bebemos o sentido da luta, a grandiosidade dos anseios de libertação, de uma única fonte: a consciência patriótica do nosso Povo. Os guerrilheiros, que inicialmente sentiam saudades dos familiares, a partir daí esqueceram tudo porque, para eles, pais

irmãos e filhos tinham já outra dimensão - o POVO MAUBERE!

Não aceito a ideia, meus caríssimos jovens, tanto mais que os piores anos de massacres, desterros, aprisionamentos em massa, desaparecimentos, etc., que aparentemente pareceu ter destruido tudo, sòmente imobilizaram por um tempo, o desejo de lutar e o desejo de morrer pela Pátria. E, sobretudo, ensinaram a todos nós que uma organização em bloco só permite ao inimigo uma destruição em bloco e exigiram novos métodos de organização para manter o prosseguimento da luta.

E os factos demonstram que é verdade. Naqueles campos, onde aprendi pela primeira vez, os fundamentos da luta popular, foram formadas organizações juvenis e tiveram precisamente o nome de "LORIKUS"... muitos dos quais saíram, em '83, para o mato e, hoje, uns são comandantes de secção e muitos portando M-16 ou, inclusive, coronhas móveis...

Vós aparecestes como produto das organizações anteriores, de que alguns até fizeram parte. Vós sois apenas o resultado e a súmula das experiências, boas ou más, de uma contínua resistência. O alicerce em que se assenta a nossa Luta é a consciência patriótica do nosso Povo e, antes mesmo que crescêsseis até hoje, se o nosso Povo negasse a sua Pátria, os guerrilheiros já teríamos sido exterminados entre 1979 e 1981. Nunca e em nenhuma circunstância, devemos apartar o nosso pensamento deste princípio básico da nossa guerra de guerrilhas: é o nosso Povo quem sempre lutou até hoje e continuará a lutar até à VITÓRIA FINAL!

Aqui, não nego o papel dirigente da FRETILIN como, pressurosamente, os líderes da FRETILIN no exterior afirmam eu ter minimizado. Aqui também, não retiro o valor algum às vossas acções. Nós, os guerrilheiros das FALINTIL, sabemos sòmente que cumprimos um DEVER para com o nosso POVO e, quando morremos, estamos cumprindo o nosso DEVER para com a PÁTRIA!

10. Não podemos medir um processo, como a nossa guerra em que na correlação das de forças estamos em posição de dominado, posição de subordinação, torno a dizer, não devemos medir um processo em marcha pela turbulência ou pela agitação com que, às vezes, esse processo é sacudido. Aparentemente, um processo em marcha pode parecer "morto", pode parecer que não dá sinal de vida. Mas um processo em marcha é um processo em luta e se não o analisamos ou, pelo menos, o acompanhamos com a clareza que se exige, não estamos capazes de ver, de nos apercebermos que, nessa luta medonha e permanente entre as 2 forças contrárias, o processo está alimentando-se de mudanças quantitativas, imperceptíveis, despercebidas.

A turbulência, a agitação, que às vezes sacode, violenta o processo, é apenas a passagem de um estádio a outro estádio, a mudança qualitativa e toda a mudança de qualidade é resultado da acumulação de mudanças de quantidade. Vós estáveis "passivos", "ninguém" dava conta da vossa vontade de lutar - as primeiras acções de reivindicação escolar (e política) demonstraram uma mudança de qualidade. Se não estivésseis

mìnimamente organizados e disposto a lutar, não teríais feito o que fizestes anos atrás. A prisão de 4 estudantes em Jacarta sucedeu a um período de "total passividade", porém este facto permitiu uma mudança de qualidade - permitiu a todos quantos estudavam em território indonésio aperceber-se da necessidade de se organizarem, se quisessem responder aos próprios anseios.

Aparentemente, a população de Timor-Leste parece passiva e é isto é que está permitindo a Ali Alatas afirmar, à boca cheia, de que a "maioria está feliz". Afirmar e não passa de uma afirmação grotesca, porque Ali Alatas sabe bem que o contrário e a verdade é que é a pura verdade. Com a vossa afirmação, estais a permitir-me dizer-vos que Beni Murdani e Ali Alatas e o próprio Suharto conhecem melhor a situação política da população que vós. Sabem porque é que Jacarta não aceita o referendum? Porque conhece// o Povo Maubere. Eles hojé fazem uma enorme ginástica, vejam: O estúpido do Carrascalão afirmava que o "pembangunan" de 10 anos de integração permitiu à grande maioria da população saber hoje "ler e escrever", com tantos milhares de escolas implantadas nas povoações. Quando se fala do referendum, já afirma que isso é impraticável, porque a maioria da população é iletrada, vejam, iletrada! E, porque a população é iletrada, não saberia corresponder aos "princípios, às regras, às condições" de um referendum!!! Mas esse mesmo estúpido do Carrascalão cantou alto quando foram as ditas "eleições gerais" realizadas em Timor-Leste!!!

Esta ginástica propagandística só encobre a verdade, que eles sabem tão bem como eu: a população de Timor-Leste REPUDIA com toda a sua alma a anexação da sua PÁTRIA! E, pior do que tudo, um palerma de um jesuíta javanês, o Wanandi, agora guarda-costas do administrador apostólico, chegou agora a Timor-Leste e pretende ser um "expert" da sociologia timorense: fala de "natureza tribal" das nossas reivindicações, desmente fala do analfabetismo como o entrave fundamental para um referendum. A cruz e a espada dos tempos de colonização portuguesa repetam-se, com o Papa concentrando os seus princípios nas vantagens que o fidelíssimo Beni Murdani oferece e com os Núncios e afins torcendo pela integração...

11. Na página 3, da carta de Nakfilak, Kiak Lemorai e Si'ac, o ponto 1) mereceu a minha atenção. Porque os companheiros vêem na vinda da DPP uma "oportunidade de oiro" para as vossas manifestações, não puderam considerar sobre o carácter dessa visita. Sop Sobrepuseram as vossas manifestações a algum pensamento do Comando da Luta e consideraram que as vossas manifestações iriam cobrir a inércia do Comando da Luta. E por isso é que se compreende que estão apenas preocupados com o que a FC pode fazer e, aqui, devo pensar que será a materialização da "Aurora"... para cobrir essa inércia, essa inoperância do Comando da Luta. No plano do Comando da Luta, não havia "budget", o verdadeiro "budget" seria o nosso próprio sangue, o sangue do nosso Povo.

Estais a ver, meus carissimos jovens, que inconscientemente, passastes "a certidão de incompetência" ao Comando da Luta? Estais a ver, meus carissimos jovens, que todos temos que contribuir para proporcionarmos uns aos outros a capacidade global que se busca para solucionar o nosso problema? Se estivésseis mais atentos, teríeis podido reparar que eu próprio propus um contacto com a DPP. Nós também recebemos as cassetes da "Timor Lian" (e fostes vós quem nos mandou ... com tantas regravações pelo caminho que as que nos chegaram esram a eram as piores - e, a propósito, quando devia receber de vós recortes com certa regularidade, vou receber de elementos da organização popular outros recortes que não possuis ou não vos lembrastes de mandar), como ia dizendo, se estivésseis mais atentos teríeis podido ouvir a notícia de que, entre as pessoas com as quais a DPP tencionava contactar, figurava quem vos está escrevendo. Se tivésseis reparado nisso tudo, teríeis compreendido melhor o espírito daquelas orientações e se tivésseis tomado atenção, não teríeis feito a exigência do ponto 1), mas perguntado que orientações o Comando da Luta tinha para a FC, quando fosse essa ocasião... como fizeram os responsáveis de outros órgãos.

A escrever-vos, hoje estou no dia 11 de Agosto de 1990. Ontem à noite, pela Voz da América, e sobretudo hoje de manhã, pela Rádio Suiça Internacional, eu fiquei sabendo, por uma entrevista concedida ao nosso irmão e companheiro RAMOS HORTA, que está a participar nas reuniões da Sub-Comissão da ONU sediada em Genebra, que Jacarta está prestes a romper com as conversações com Portugal e Ali Alatas está preparando terreno para justificar o rompimento das negociações, atirando as culpas a Portugal com a justificação de que Portugal não quer fazer concessões.

Todos apontam para as manifestações estudantis o motivo do recuo da Indonésia. Para que o mundo saiba das verdadeiras razões, eu devo declarar que não foram exactamente as manifestações, levadas a cabo pela Juventude Maubere, mas o conhecimento do plano de acção do Comando da Luta... via Núncio Apostólico em Jacarta. Ali Alatas teme um LEVANTAMENTO GENERALIZADO DE REPÚDIO À INTEGRAÇÃO... EM TODO, REPITO, EM TODO O TERRITORIO DE TIMOR-LESTE!

E ainda para que tudo fique mais claro, devo dizer que o Governo português não concordava com tal acção - tenho documentos para comprovar a posição portuguesa. Jacarta deve reconhecer que chegou a hora de reconsiderar, porque o POVO MAUBERE não só nunca pediu autorização a ninguém para morrer pela PATRIA como continua determinado a isso.

12. Pois bem, meus carissimos jovens, vamos continuar a falar para nos prepararmos para o futuro. Sabemos que já será difícil a vinda da DPP mas é necessário continuarmos a educar o nosso pensamento para prosseguirmos a Luta.

A impaciência é um pecado mortal na nossa guerra. Não deveis entender "guerra de guerrilha" como "os combates que travamos com a soldadesca ocupante". Tudo o que está envolvido nos "recursos disponíveis" faz

parte da nossa guerra de guerrilha. É um dos princípios da guerra de guerrilhas é a PACIÊNCIA. Podeis ficar admirados mas é exactamente este o termo: PACIÊNCIA. Não aquela paciência que comummente utilizamos: "perdi a boleia, paciência", "que sorte madrasta, uma festa tão fixe e eu de cama com febre, paciência", etc., etc.

PACIENCIA aqui significa "não desanimar", "não perder esperanças", "continuar firme no propósito", "esperar pelo tempo que for necessário" "continuar a perseguir o objectivo traçado", "manter-se fiel a um plano", etc., etc. E foi a paciência dos comandos de alguns agrupamentos que permitiu a captura de muitas armas, enquanto a impaciência em outros levou a insucessos, com perda inclusive em homens.

A paciência de UM ANO, com que o Comando da I Unidade preparou a operação, permitiu a captura de 33 (trinta e três) M-16 e, se mais soldados javaneses tivessem ido, mais cadáveres o Panglima teria enterrado. A paciência para suportar o calor do sol e da areai areia, a sede e as formigas, durante 3 dias consecutivos, permitiu à IV Unidade capturar uma boa quantidade de AR-15 e, inclusive, soldados javaneses... que até pediram para serem levados p/o mato mas recusámos por falta de condições de assistência.

A impaciência de alguns agrupamentos que levantaram a emboscada ao meio-dia do segundo dia, não permitiu estarem ali para matar os javas... que passaram despreocupadissimos pelo local às 2 da tarde... A impaciência de umm combatente, que não consegue suportar as formigas e eleva um bocado o corpo para cima do capim rasteiro para limpar as formigas que o estão mordendo, permitiu à testa da coluna inimiga localizá-lo de longe e ou desviar-se do local da emboscada ou vir pelos laterais do corpo da emboscada e desfazê-la provocando combates desnecessários e prejudiciais, porque se matámos alguns soldados indonésios não pudemos evitar o desgaste das munições.

A paciência é uma das maiores virtudes que um guerrilheiro deve adquirir e quinze anos de dificílimas condições e de duras privações explicam bem a interiorização deste princípio de guerra de guerrilhas.

12. Eu penso que ninguém vos chamará de "mentirosos" e quanto à credibilidade... só quando todos vós vos tornardes em agentes"do T/dua e do Teh manis" para destruir a Luta, aí, sim, perdereis com toda a certeza a credibilidade que já granjeastes pelo mundo fora.

Mas reparo, e com tristeza, que estais preocupados com a vossa credibilidade e a vossa honra!!! "Credibilidade da FC" - aqui, quero compreender que a "FC" são os jovens estudantes de Dili, porque, com toda a certeza, a população de Laclúbar ou a população de Iliomar ou de Oe-kusi, não farão manifestações naquelas vilas para acompanhar as vossas, não é verdade? "FC" no seu sentido restrito de "estudantes de Dili" ou "organizações de Dili", são uma parte da FRENTE CLANDESTINA GERAL, mais activa nuns lados e menos activa noutros, mas nenhum de nós deve dizer que só em Dili há "FC".

Se colocais a honra e a credibilidade como motivação para a acção, devo dizer que sobrepondes o particular ao geral e se colocais o papel da "FC/Dili" em cima das orientações superiores, estais julgando que sem "acções da FC/Dili", a nossa luta não anda, a nossa luta estagna, a nossa luta não está quenta. E, por causa da honra e credibilidade da "FC", pondes em causa as orientações superiores? Actuais para preservar a vossa honra e credibilidade ou actuais por um ideal, por um objectivo?

O mundo hoje não ouve falar de acções militares das FALINTIL e o próprio bispo diz que astamos passivos e só sabemos roubar. Eu, pessoalmente, não creio que as FALINTIL tenham perdido a HONRA e a CREDIBILIDADE. A nossa honra está no sangue vertido e no monte de cadáveres sem sepultura e a nossa credibilidade está na justeza da nossa Luta.

Não será, portanto, a falta de acções que manchará a vossa credibilidade, não, carísimos jovens!

Quando o fantoche "gubernur" ameaça a DPP com medidas de represália se aquela vem disposta a revolver a VERDADE DA SITUACÃO, ele está precisamente a dar credibilidade à nossa resistência. Quando ele afirma que Xanana só representa uma centena de bandidos desmoralizados e só ele representa a maioria da população, ele só está a dar credibilidade à nossa proposta de referendum! É muito simples ver-se a questão: eu, no lugar dele, se afirmo que Xanana só representa uma centena de desmoralizados nos "jungle" e ele representa a mio maioria da população, apostaria pelo referendum!!! Mas o que ele teme é ser corrri corrido de Timor-Leste como a um cão vadio, como a um cão empestado!

13. No ponto número 2), mencionais Frente Armada mas esquecestes-vos do papel da FA e esquecestes-vos da relacão FC e FA. A Frente Diplomática também obedece a planos estabelecidos para responder cada conjuntura política global. Neste momento, a FD ~~tem como~~ eixo das suas actividades a campanha sobre a necessidade da realizacão de um referendum em Timor-Leste.

A "intifada" nos territórios árabes ocupados, se acompanhais as emissoras, diminuiu de intensidade nos últimos tempos. Terá sido cansaço psicológico? Terá sido frusta um recuo para novas investidas? Terá sido necessidade de mudança de tácticas? Eu, concretamente, não sei dizer e vou acompanhando...

Eu acredito no vosso ardor, faço meus os vossos anseios e a vós afirmo: estou velho, mas não estou cansado de lutar.

Se não hesitei uma mínima fracção de segundo em prosseguir a Luta, foi porque a minha confianca no nosso Povo era grande demais e continua a ser, neste contexto, que me permito, dentro das minhas grandes limitacões, estabelecer ideias, as menos subjectivas possíveis, acerca do processo. Nunca vos esqueçais: estive largos meses vivendo em clandestinidade em diversos campos de concentracão e ouso dizer que conheco o nosso Povo... talvez tanto como vós!

13. Toda e qualquer medida responde a uma situação concreta e, portanto, passível de ser modificada nos seus traços gerais, corrigida nalguns aspectos ou mesmo anulada, quando se note a já impraticabilidade de tal medida.

As vossas exigências sugerem que o Comando da Luta está simplesmente para receber ... recortes, informações, saudações, abraços e elogios.

Eu sei que estou a ser duro para convosco! Como pai (como alguns de vós me tratam e eu fico muito feliz), como irmão mais velho e, sobretudo, como Comandante das FALINTIL, peço-vos para continuardes a confiar em nós. A vossa confiança só será total quando acreditardes que as medidas que tomámos ou viermos a tomar, têem por objectivo.?. servir unicamente a LUTA! A vossa confiança só será total quando, na verdade, continuardes a acatar a disciplina como a árma que todos empunhamos para defender a nossa Organização, para a fortalecer e engrandecê-la.

Deveis ver a FC como uma parte da Resistência e, por isso, não deveis esquecer que estais subordinados ao Comando da Luta, no interior da Pátria.

Vamos esquecer a vinda da DPP, porque Jacarta teme a vinda da DPP, e notem bem isto, mesmo que os propósitos da DPP sejam para reconhecer a integração, Jacarta teme e temerá sempre. Vamos esquecer todos os nossos planos e b vamo-nos preparar para o dia de amanhã ... com ou sem a vinda da DPP. Cabe agora a Portugal tirar vantagens desta situação:

- o convite feito pelo MPR de Jacarta tem hoje o valor de pura ginástica propagandística;
- as manifestações estudantis quebraram os princípios básicos de acordo, firmados em Novembro de 1989;
- o conhecimento, via Núncio Apostólico (Vaticano está aposta do pela nossa exterminação e o Papa deve estar a rezar para irmos todos viver com o Satanás), por parte de Jacarta dos preparativos de recepção da DPP pelo POVO MAUBERE, foi a base e será a base para os generais indonésios não permitirem tanto à DPP como a observadores da ONU a entrarem em Timor-Leste.

Futuras orientações irão em seu devido tempo e, enquanto isso, reflecti bem sobre o que vos mando.

Continuem a escrever-nos, colocando problemas, apresentando pontos de vista, propondp acções e apresentem sempre a vossa discordância sobre uma ou outra orientação e critiquem sempre que achardes necessário ... tudo dentro de um espírito de servir ... e podereis ter a certeza de que vos responderemos (ainda com mais dureza se necessário mas) sempre com o imenso carinho que temos por vós, aprovando os vossos projectos, corrigindo os vossos pontos de vista errados, apoiando-vos com

outras sugestões ou, inclusivamente, reprovando vossas práticas e comportamentos... também dentro de um espírito construtivo... porque, essencialmente, a construção da nossa PÁTRIA exige a construção de nós mesmos e vós sereis os HOMENS de amanhã, os MAUBERES dignos dos nossos ancestrais.

(Atu ramata, lia-fuan haksolok ida ba imi tomak:

AMI KATUAS ONA, AIN SORIN IHA ONA RAI KUAK NIA IBUN...IMI, IMI NEBÉ ITA NIA FUNU NIA ABUT BOOT, FOIN BURAS KIAK LEMORAI IHA TERUS NIA LARAN, MAK SEI HALO ITA NIA RAIN NAKFILAK BA MOURIS DIAK, TUIR ASWAIN SI'AK... NUDAR ITA NIA ABÔN SIRA ULUK!!!)

Muitos abraços a vós todos.

PS - Fareis saber a todos os responsáveis e mandareis uma cópia a RENETIL - SI'AK encarregar-se-á disso. A RENETIL deverá, por sua vez, ~~a DEF~~ enviar à DEF e só à DEF a evitar fazer retratos no NEON KETIN.